

COM(con)TEXTOS URBANOS - AVEIRO (Portugal)

RUI TAVARES

Historiador. Centro de Estudos Arquitectura e Urbanismo (CEAU), Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Centre for Architecture and Urbanism, Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

Adress: FAUP - CEAU, Rua do Gólgota, 215, 4150-755 Porto, Portugal

e-mail: rtavares@arq.up.pt

ConTEXTOS operativos e disciplinares

0 . Narrar é? Narrar um espaço é? A narrativa espacial é o mesmo que o espaço da narrativa? O espaço narrado é ainda o espaço configurado de acordo com a materialidade que o configura? O espaço narrado é o espaço real ou o espaço desígnio, como se a narrativa fosse, ela própria, o espaço do desejo que se configura como uma materialidade sonhada, alcançável, mas de todo não real, no sentido em que o sonho é pré-real? Narrar um espaço é transformar esse espaço ou tão só reforçar aspectos, traços, configurações, definições, formalizações do espaço que se narra para se fazer dele um espaço significativamente nosso, apropriadamente objectivo, fenomenologicamente vivido no sentido do que Christian Norberg-Schulz designou como o "genius loci"¹, enquanto personalização do espaço como base de vivência humana? Dessa forma, narrar é sempre apropriar de uma coisa, neste caso a coisa narrada² para mais nosso vir a ser, sendo que assim mais se faz do espaço o nosso espaço, que a nós diz respeito e, com o respeito que por ele e por nós temos, faremos dele mais do que ele é, em si mesmo, para o carregar de nosso desígnio pessoal e, assim, dele, por ele e com ele mais nos darmos a quem nos segue nessa narrativa espaço-existencial? Dessa forma, narrar um espaço é, ainda e só, falar do espaço ou falar de nós, enquanto ser narrador que vive, viveu ou viverá para além dessa mesma experiência? Dessa forma, narrar um espaço é narra-lo ou narrarmos? Quando a narrativa espacial reforça as componentes da poética do espaço e do lugar (no sentido das abordagens, entre muitas outras, que Harold Spence Sales nos

¹ Aldo Rossi havia já adoptado o termo para se referir ao conjunto de elementos espaciais que definem a sua totalidade, entre o território e os artefactos construídos. Deve notar-se o apontamento clássico deste "designativo", como bem demonstrou Mario Servio Honorato em Vergilii Aeneidos Commentarius ("Comentário à Eneida de Virgílio"), 5, 95, "nullus locus sine Genio" ("nenhum lugar é sem um Gênio"). Ver também COSTA (2008) *Fengshui: Em busca do Genius Loci*. *arquitectos* ISSN 1809-6298, ano 08, fev, 093.06

² Concretização de um espaço, uma construção, uma visão espacial, uma idealização construtiva ...o que se entender como referência do entorno a nós mesmo, para o referir sempre a nossa própria forma de estar, com e no...espaço concreto, vivido: assim se referia Christian Norberg-Schulz.

transmite³) o que nos é dado, desse mesmo espaço, é o que ele contém de características intrínsecas ou tão só as de quem dele assim fala (poeta, que pela poesia se apropria da materialização para a transformar em unidade de pensamento formalmente concreto no que poderemos circunscrever como o espaço do sonho)?

Interrogações que apontam muitos caminhos de reflexão e de interpretação para todos os contextos em que se pode conter a narrativa de espaços e, por bases intrínsecas ao espaço urbano configurado materialmente, também por aqui passam as margens de contensão das amplitudes conceptuais de uma linha disciplinar que faz do texto a base de leitura espacial. Do texto escrito, do registo gráfico, do registo fílmico, do registo cartográfico e do registo de apontamento desenhado que se pode agrupar em conjuntos de fontes, diversas no modo e no género, mas todas elas usando a palavra como instrumento de definição, de caracterização e de expressão de uma condição física, delimitada, que se apresenta tão concreta quanto realizada ou realizável.⁴

1 . O que se pretende é fazer uma narrativa espacial, entre a configuração física, a localização, a função e a simbólica do espaço urbano, reconhecendo os diversos níveis de uma imagem urbana, usando a metodologia de estratificação urbana, para ir "vendo" a cidade escondida e a cidade revelada, na apropriação do texto (documento escrito) e da imagem (documento cartográfico). Esta metodologia esteve na base de uma acção urbana em Aveiro, nas comemorações dos 200 anos de elevação a cidade, e que incorporou um programa mais amplo, tendo a sua especificidade orientado para um contributo com uma série de visitas ao espaço urbano, intituladas - "Aveiro - a cidade escondida, entre os séculos XVI e XX". O contributo assim orientado permitiu confirmar a validade da metodologia proposta para uma aproximação à visibilidade histórica da conformação urbana e arquitectónica das cidades portuguesas, sendo esse "Encontro em Aveiro" o acontecimento inaugural de uma linha de leitura histórica urbana que se revelou muitíssimo didáctica, quer nas suas aplicações estritamente culturais/científicas, quer nas suas aplicações lúdico/turísticas. Na cidade de Aveiro, precisamente a cidade que foi a minha primeira

³ Ver, pelo menos, *Patrimoine en evolution*, «Urbanité», Mar.2005, Québec, pp.41.

⁴ As primeiras explorações de um texto de crónica como narrativa do espaço, desenvolvidas em âmbito de tese de estudos académicos, terão sido os textos de Maria Lúcia Perrone Passos, que trabalhou com o Prof. Borges Coelho, nas suas teses de mestrado e doutoramento, realizadas na Universidade de Lisboa, sobre a base da crónica de Fernão Lopes, sobretudo a que tem como título: *Lisboa, personagem de Fernão Lopes* (...); mais recentemente, e já em outro contexto e em outro fôlego disciplinar, beneficiando do caminho aberto, registre-se a tese de, Maria Sofia Marques Condessa: *A Memória das cidades nos séculos XII a XIV nas crónicas de Rui de Pina e Duarte Galvão*. Dissertação de Mestrado em História Medieval, Universidade Nova de Lisboa (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas), Lisboa. (1999).

proposta, estabeleci mesmo um percurso urbano que correspondia a uma narrativa compreensiva do desenvolvimento da cidade e da formalização construtiva do espaço urbano e das suas arquitecturas, através dos textos documentais e das fontes cartográficas, o que me permitiu construir uma unidade histórica de visibilidade urbana muito interessante e que se revelou de grande sucesso, enquanto mostra de uma metodologia de apreensão e interpretação do património urbano, na sua visibilidade material existente.

A proposta consubstanciou-se em fazer uma "visita" à cidade, através de percursos históricos significativos, que se encontram bem documentados desde o século XV até ao século XX⁵ (a maior densidade de consolidação do espaço urbano e da construção da cidade), passando sobretudo pelas fontes cartográficas do século XVIII, no momento que uma mudança institucional marca todo o espaço urbano - Aveiro deixa de ser uma vila ducal (pertence a Casa dos Duques de Aveiro) para ser apropriada por estatização dos bens da Casa Ducal, a par do que acontecia, então, com a Casa dos Távora e com a Ordem dos Jesuítas, na acção movida pelo Marquês de Pombal na sequência do presumível atentado contra D. José. A vila deixa de o ser para ser elevada à categoria de cidade e, por isso mesmo, acompanhando a mudança de estatuto institucional, será objecto de uma série de projectos de cariz urbano, para se tornar na cidade portuária, da foz do rio Vouga. Entre esses projectos consta uma importante melhoria na rede de canais (construindo os seus muros, disciplinando os seus traçados, regularizando os seus caudais), a criação de nova ribeira portuária que constituísse o centro nevrálgico de todo o porto (tirando partido da excelente localização urbana, integrada no espaço urbano e muito próximo do centro tradicional) e uma nova praça, o novo centro urbano que, simbolicamente significava o corte com a matriz tradicional do centro urbano (essencialmente religioso) afirmando as características civis subordinadas à nova ordem política iluminista: se dúvidas tivéssemos sobre esta intenção é atender à solução espacial para praça desenhada, que se inspira na imagem da praça do comércio, em Lisboa. Todo este "programa" urbano, iluminista, está desenhado em carta urbana histórica e constitui um dos mais interessantes "textos" narrativos da cidade, já que regista a existência e a configuração

⁵ A parte substancial da documentação urbana encontra-se registada em duas importantes bases para a história quotidiana da cidade, desde 26 de Abril de 1603: são o «*Livro dos resistos da Camara da Villa de Aveiro*» e o «*Tombo da Camera desta notavel Villa de Aveyro*», ambos pertença original do Arquivo Municipal, organizado desde 1911, incorporando o então criado Museu Municipal e hoje Museu de Arte. Nessa data se transcreveu a provisão régia de 13 de Maio de 1581 que confere a Aveiro o título de notável. Ver *Milenário de Aveiro*, pp. V.

dos espaços existentes, ao mesmo tempo que “anuncia” todos os novos e a sua respectiva configuração física⁶.



Fig. 1 - Aveiro, 1780-1781, «Mapa topográfico do esteiro da cidade com projecto da obra do cais e regularização do canal central», Giovanni Iseppi, Isidoro Paulo Pereira, Manuel de Sousa Ramos, CA318|IGP

Por aquela narrativa figurada, ficamos a conhecer, de um golpe imediato, todo o dispositivo urbano na sua unidade de conjunto e os sucessivos dispositivos parciais, considerados nas suas dimensões espaço-temporais.⁷ Demasiado importante para ser esquecido e não narrado, quer como documento textual quer como documento cartográfico, pois a carta urbana é, também, um texto narrado que tem de ser lido, aparte já o facto de nela se mencionar imensos desígnios, imensos registos e imensas descrições urbanas que integram uma narrativa textual; isto faz delas próprias, enquanto fontes documentais gráficas, incontornáveis núcleos de fontes narradas fundamentais para se entender a cidade. Daniela Marzola Fialho, ao referir-se concretamente a Porto Alegre, concretiza o seu ponto de vista sobre a importância da cartografia histórica, que muito interesse tem pela aproximação ao que, aqui, pretendo expôr; assim, «...os mapas das cidades são produzidos como ideário de representação, registro de memória, inventário do imaginário, narrativa histórica da geografia e da paisagem urbana. Vistos, assim, como discurso, os mapas produzem as identidades do espaço urbano e suas mudanças ao longo do tempo, ao darem visibilidade a significados constituídos historicamente.»⁸ Esta aproximação é mais que suficiente para demonstrar o meu interesse na aproximação histórica ao espaço urbano, narrado pela própria cartografia e, através dela, poder seguir-se uma linha evolutiva que possa “visualizar” a mudança na existência e, assim, passarmos a ser

⁶ Ver TAVARES, Rui (2011) "Níveis de representação cartográfica de Portugal entre os séculos XVIII e XIX correspondentes ao projecto de influência fisiocrata – território e cidade", IV Simpósio Luso Brasileiro de Cartografia Histórica, Porto, 9 a 12 de Novembro de, ISBN 978-972-8932-88-6, <http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/99.pdf>

⁷ Ver TAVARES, Domingos e TAVARES, Rui, (2003), Mapa de Arquitectura de Aveiro, Argumentum, ISBN: 9728479190

⁸ FIALHO, Daniela Marzola (2007) "*Uma leitura sensível da cidade: a cartografia urbana.*" in *IVe Journé d'histoire des sensibilités EHESS* mars 2007/IVa Jornada de Estudios de Historia de las Sensibilidades – Coord. Frédérique Langue, in *Novo Mundo / Mundos Nuevos*, <http://nuevomundo.revues.org/3698>; cit. ref. Electrónica: Daniela Marzola Fialho, «Uma leitura sensível da cidade: a cartografia urbana», *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Coloquios, Puesto en línea el 12 marzo 2007, consultado el 23 setembro 2012. URL : <http://nuevomundo.revues.org/3698>; DOI : 10.4000/nuevomundo.3698

como que “personagens” históricos retroactivos, inseridos no contexto histórico urbano passado, recuperando as bases de um “diálogo” com o espaço urbano na primeira pessoa do singular (...*eu, aqui,...*), despertando para um entendimento visual, tão concreto quanto materialmente imaginável, que coloca o espaço urbano dentro de cada um de nós (...o *aqui, em mim,...*).

Colocada assim, a cidade histórica ganha um “corpo” sensível em cada um de nós, que ultrapassa o tempo em que a vivemos, para recuperar a possibilidade de ser vivida para alguém do nosso tempo, entendida visualmente e “quasi-quasi” num material concreto, porque é concretamente imaginada em cada realidade nossa (...*eu, aqui, em mim,...*), vivida e transmitida para além do tempo (...*aqui e ali, eu, em mim, antes e agora...*), que nos coloca inseríveis, resguardadamente inseríveis, num tempo histórico que foi..., mas que “ainda” pode ser...aqui, (...*eu, já agora, antes agora... outrora agora*⁹... *outrora agora já aqui...*).

Assim apresentada e assim entendida, a cidade ganha uma presença interior poderosamente explícita, capaz de integrar, em cada corpo, um corpo materialmente ausente que, se torna materialmente imaginável, vivível, e tangível em todos os sentidos humanos; uma presença física histórica que nos é familiar porque vai sendo nossa na medida em que o tempo de a vivermos vai sendo recriado em cada palmo e em cada passo de um nosso percurso, sentido e simbolicamente histórico, como se dela tivéssemos feito, sempre, parte integrante. As vantagens pedagógicas e didáticas, para os aprendizes de vida, mas também para os que de uma vida cheia já dela querem apenas a contemplação turística, são, a meu ver, incontornáveis como base de um entendimento da cidade histórica, que faz dela o protagonista do nosso próprio entendimento nela: o programa desenvolvido para a cidade de Aveiro, pode, assim, apresentar-se como experiência operativa que pretendeu colocar o saber na rua e na primeira pessoa do singular - eu, aqui, vendo o que está hoje, e percebendo este hoje através do que esteve ontem (tempos de conjugação histórica - hoje e ontem), abrindo um amplo e personalizado leque de formas de medir, sentir, pulsar, ver, ouvir, escutar, cheirar, tocar, saborear e pensar a cidade como unidade histórica.

⁹ Sobre esta expressão ver, para uma aproximação mais sensível ao seu significado e amplitude, o romance de Augusto Abelaira, com o mesmo título, (Bertrand Livreiros, 1997).

Referências Bibliográficas

- CONDESSA, Maria Sofia Marques (1999) *A Memória das cidades nos séculos XII a XIV nas crônicas de Rui de Pina e Duarte Galvão*. Dissertação de Mestrado em História Medieval, Universidade Nova de Lisboa (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas), Lisboa.
- COSTA, Ríceles Araújo, (2008) *Fengshui: Em busca do Genius Loci*. "arquitextos" ISSN 1809-6298, ano 08, fev, 093.06
- DORIA, Sergi (2008) *Guia de Barcelona de Carlos Ruiz Zafón. Os segredos da cidade feiticeira através dos olhos do escritor e dos cenários dos seus romances Marina, A sombra do Vento e o Jogo do Anjo*. Prólogo de Sergio Vila-Sanjuán. Trad. de Maria do Carmo Abreu. Lisboa: Editorial Planeta
- FIALHO, Daniela Marzola (2007) "Uma leitura sensível da cidade: a cartografia urban." in IVe Journée d'histoire des sensibilités EHESS mars 2007/IVa Jornada de Estudios de Historia de las Sensibilidades – Coord. Frédérique Langue, in Novo Mundo / Mundos Nuevos , <http://nuevomundo.revues.org/3698> ; cit. ref. Electrónica: Daniela Marzola Fialho, «Uma leitura sensível da cidade: a cartografia urbana», Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En línea], Coloquios, Puesto en línea el 12 marzo 2007, consultado el 23 setembro 2012.
- MADAIL, António Gomes da Rocha (1968) *Milenário de Aveiro. Colectânea de Documentos Históricas II 1581-1792*. Organização, Leitura e Revisão de Madail, Aveiro: Edição da Câmara Municipal, 665 páginas.
- NORBERG-SCHULZ, Christian (1974) *Existence, Space & Architecture (Praeger Paperbacks, Praeger Publishers, ISBN:0275781208*
- NORBERG-SCHULZ, Christian (1979) *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli, ISBN: 0847802876 http://ebookey.org/Christian-Norberg-Schulz-Genius-Loci-Towards-a-Phenomenology-of-Architecture_477397.html#X1qeBlxB5c1I7C9.99
- PASSOS, Maria Lucia Perrone , EMIDIO Teresa Maria (s/d) *Desenhando São Paulo, Mapas e literatura (1877-1954)*, Senac, São Paulo
- PASSOS, Maria Lucia Perrone *Lisboa, personagem de Fernão Lopes*. Tese de Doutoramento Universidade de Lisboa (Dir. Prof. Borges Coelho)
- SALES, Harold Spence (2005) *Patrimoine en evolution*, «Urbanité», Mar.2005, Québec, pp.41
- TAVARES, Domingos e TAVARES, Rui (2003) *Mapa de Arquitectura de Aveiro*. Argumentum, ISBN: 9728479190
- TAVARES, Rui (2009) *Portugal territorial e urbano na influência do Fisiocratismo – unidades de fixação e unidades de permanência em plano/projecto de articulação nacional entre os séculos XVIII e XIX*. III Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, Ouro Preto, 10 a 13 de Novembro de 2009, ISBN:0275781208 <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/anais-iiislbch-resumos.pdf>
- TAVARES, Rui (2011) "Níveis de representação cartográfica de Portugal entre os séculos XVIII e XIX correspondentes ao projecto de influência fisiocrata – território e cidade". IV Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, Porto, 9 a 12 de Novembro de 2011, ISBN 978-972-8932-88-6 <http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/99.pdf>